

CLIPPING

01 de julho de 2018
O Liberal – Troppo,40-42

SOB A LUZ DO MARAJÓ

PAULO DE CASTRO RIBEIRO

É Arquiteto Urbanista, professor das faculdades de Arquitetura da Universidade Federal do Pará - UFPA e Universidade da Amazônia - UNAMA. Começou a fotografar em meados dos anos 80, a partir do curso na Fotoativa. Desde então, embora nunca tivesse atuado profissionalmente, sempre acompanhou o movimento da fotografia em Belém, fosse através das relações de amizade ou por meio da participação nas Semanas Nacionais de Fotografia promovidas pela FUNARTE, em Curitiba e Ouro Preto; no 1º FOTONORTE, em jornadas e fotos-varais promovidos pela Fotoativa. Há 3 anos é membro do perfil @everydaybrasil no Instagram. Em maio de 2017, participou de oficina de fotografia no Marajó, com o fotógrafo Luiz Braga.

Mais recentemente, tem se dedicado a registrar seu fascínio pelo lugar que mais marcou sua história de vida: a Ilha do Marajó - e, a partir dessas experiências, realizou a exposição individual "Contar de Marajó", na Galeria Kamara Kó em novembro e dezembro de 2017. Foi premiado no edital "Imagens Cotidianas - Incentivo à Fotografia Paraense", promovido pelo Sesc Boulevard, em abril de 2018 e foi recentemente convidado pela Prefeitura de Soure, a realizar exposição

naquele município neste mês de julho, juntamente com o fotógrafo Octávio Cardoso.

"Muito me alegrou a possibilidade de retornar ao Marajó, juntamente com meu compadre querido, também marajoara, Octávio Cardoso, [para realizar] uma mostra de nosso trabalho feito na ilha. Nesta exposição, podemos contar também com um belíssimo texto de apresentação do amigo fotógrafo Luiz Braga que cita:

Me fala desta paixão por fotografar o Marajó, Paulo.

Como você pode ver, Roberta, o Marajó é parte importante na minha história de vida. De lá, desde minha

infância, trouxe alguns valores que sempre me acompanharam, mesmos nas fases mais urbanas de minha vida. Hoje me vejo voltando à ilha de onde vim e reencontrando nas pessoas e nos lugares, fortes traços de tudo aquilo que sempre me encantou: a natureza exuberante, a naturalidade e simplicidade com as quais as pessoas se deixam fotografar... pra mim são características muito fortes do Marajó.

Você tem algum fotógrafo que tenha lhe influenciado? Qual?

Nessa trajetória de relação com a fotografia, sempre procurei me manter conectado com tudo que vem sendo



feito de fotografia em Belém, no Brasil e no mundo. Considero que em Belém temos grandes fotógrafos que, de certa forma, exercem influência sobre meu trabalho, mas não conseguiria definir propriamente um autor ou vários autores e sim características de trabalhos que estão presentes em muitos fotógrafos: a captura de olhares que nos dizem muito, a bela composição de uma imagem, o flagrante de um instante único e a beleza cênica que a luz natural nos proporciona são pra mim valores inestimáveis da fotografia.

A luz do Marajó, como é?

Neste sentido, no Marajó, tenho encontrado todos esses valores, mas especificamente em relação à luz, na região de Joanes, local onde tenho fotografado com mais frequência, temos uma condição muito singular de luminosidade à tarde: o sol se põe do lado oposto à Baía do Marajó, que reflete intensamente sua luz, geralmente sob densas nuvens carregadas. Tudo isso pode ser acompanhado de velas, pescadores, crianças brincando, ou até búfalas tomando banho de praia. (só você indo lá um dia para apreciar este belo espetáculo da natureza - risos).

Você é professor e arquiteto urbanista e em suas fotos sinto muita

poesia, leveza e paixão pelas pessoas. Me fala um pouco sobre isso...

Minha relação com o Marajó passa todos os caminhos tomados na vida. Desde a infância até os dias de hoje, o Marajó sempre foi a referência mais forte de lugar de encontro com o "lado bom da vida". Ainda na juventude escolhi a Arquitetura como profissão e, como sempre faço com minhas escolhas, me dediquei integralmente à formação profissional, na qual tive contato com as atividades relacionadas ao Planejamento Urbano, que me encantaram mais pelo seu alcance social. A opção pela carreira acadêmica, acredito estar no DNA do filho e neto de professoras dedicadas... não esquecendo que considero a fotografia como instrumento fundamental de percepção do espaço construído nas suas diversas dimensões. Desta forma acredito que meus caminhos percorreram duas direções que no final se encontram na satisfação do exercício da atividade profissional e na prática de uma atividade pessoal que me encanta e renova. 📷